

## Quando Kritha Encontra Misha

De mundos muito distantes através das areias do deserto eles se encontram, a garota negra de pele pálida enterrando algo no chão, queimando penas e galhos que fediam igual a uma carcaça assando debaixo do sol quente, uma espessa fumaça, branco-acinzentada subindo das cinzas e rodopiando na brisa como pequenos e furiosos espíritos com terríveis rostos com presas.

Empoleirado em cima dos galhos de uma forte árvore do deserto, com penas vermelho-acinzentadas e escondido no meio das folhas verdes – um esfarrapado fantasma de idade e todos os conflitos vistos por ele durante seu tempo sob o céu oliva e o sol negro – o homem-pássaro assistia silenciosamente. Muito mais silencioso do que a garota barulhenta ajoelhada na areia branca, cantando e quebrando, amaldiçoando e queimando e implorando, como uma criança a fazer sacrifícios para os espíritos da imensidão do deserto.

Ele se moveu levemente, para aliviar o peso da idade que fizera seus ossos tão frágeis, e, ao fazê-lo, um colar de osso em volta de seu longo e fino pescoço chocou-se contra outro feito de prata e ouro e argila.

Ela virou seus olhos negros – assombrados e cheios de ódio – para cima, para ele, e praguejou em sua grosseira língua terrestre. As palavras mágicas saíram de seus lábios, suas mãos e dedos movendo-se rapidamente em familiares gestos arcanos, apenas para parar o ritual repentinamente, violentamente, ainda assim o ato a queimou dolorosamente, e agilmente ela agarrou a adaga de osso em sua cintura.

Ele trinou algumas vezes, então suas palavras vieram a ela em sua própria língua da terra, “Quem é você?”

“Isso não é da sua conta e, a menos que você vá agora, desejará nunca ter me visto”, ela o ameaçou bravamente, seus olhos escuros com suas pupilas pretas, sua mão ainda segurando o cabo da faca ainda embainhada, mas tremendo com a antecipação do saque.

O velho homem-pássaro moveu sua cabeça para estudar sua tensa, ajoelhada forma, seu olhar movendo-se rapidamente, maliciosamente entre a fogueira acesa e seu depósito de cinzas pálidas, “Então porquê você invadiu meu santuário e queimou essas coisas de um profanador?”

A garota parou e considerou, ainda tensa, olhos ainda desafiadores, sua voz ainda ameaçadora, “Eu não sabia que esse lugar era seu...” Mas ela pareceu incapaz ou indisposta em responder a nomeação das coisas queimadas e quebradas na fogueira.

Ele moveu os galhos para o lado com seus dedos duros e ornamentados com pequenos anéis de argila e cânhamo, para que ela pudesse vê-lo melhor, continuando como se não tivesse percebido a omissão dela. Assim que ele o fez, finas pulseiras e braceletes decorados com símbolos arcanos moveram-se e soaram através de seus pulsos magros, adicionando música a suas palavras, “Que mágica você sabe?”

Ela estreitou seus olhos negros, encarando, “Nenhuma... agora. Nenhuma útil. Nada que não ameace você se eu conjurá-la.”

Suas palavras tinham um tom de desafio assim como sua mão ainda em volta do punho da adaga desgastada, reflexões e ênfases em um e outro.

O velho homem-pássaro trinou algumas notas despreocupadas sem sentido algum enquanto ponderava seus pensamentos antes de proferi-los. “Você”, enfatizando a palavra, “é uma profanadora”.

Não era uma pergunta, mesmo assim não havia medo ou temor em sua voz.

“Não mais”, ela cuspiu no chão, dentro do poço de cinzas, “Mas eu serei ainda uma por tempo suficiente para remover você da minha presença de um jeito ou de outro”. Seus dedos embranqueceram para a cor do osso da adaga que segurava, ainda dormente em sua velha bainha, e ela rugiu com um tigre encurralado preparado para atacar, “O quê você sabe sobre isso?”

Ele encolheu os ombros, mãos cinzas e ossudas ainda segurando a casca dos ramos verdes, “Nada. Eu sei o caminho da harmonia”.

Ela riu, contorcendo um lado do rosto, e sacou a adaga, apontado-a para ele embora permanecesse agachada, “Então me deixe em paz!”

“Você tentou voar às alturas na direção errada”, ele respondeu sem piscar, seus olhos grandes e indecifráveis poços negros.

A garota negra de pele pálida o encarou de volta, o ódio e desafio que enchiam seus olhos misturados agora em confusão, “O quê?”

Ele trinou, parou, e então falou de novo, “A água flui colina abaixo”.

Ela olhou em volta do deserto infértil, a visão da areia marrom e das rochas era quebrada apenas por poucas árvores desse pequeno bosque, e a grama dura protegida pelas pedras, agraciada por uma fonte de água desconhecida muito embaixo da terra desolada. Finalmente, seus olhos recaíram sobre um cantil vazio de couro tampado por um osso, que estava ali perto, e depois de refletir por um instante, ela voltou a olhar para ele, “O quê você quer dizer?”

O velho homem-pássaro soltou os galhos, as folhas farfalhando com sua passagem, e pousou lentamente no chão alguns metros abaixo, asas esfarrapadas tremulando no quente ar seco, guiando-o para uma queda suave.

No chão arenoso, ele postou-se, um corpo fino curvado pela idade, quase nu exceto pelas jóias em seus pulsos e um antigo saco trançado, finamente tecido, jogado em seus ombros, alvejado pelo sol de qualquer cor que um dia teve. Sua pele era cinza e áspera, quase sem penas que foram perdidas com a idade, entretanto algumas ainda existiam em seus ombros e em algumas partes dos braços e cintura.

Seus grandes olhos negros a vigiavam, a cabeça movendo-se para frente e para trás igual a outras aves.

A garota guardou a lâmina polida de sua adaga de novo e lentamente ficou em pé, elevando-se sobre seu corpo pequeno e curvado, fúria e ódio ainda riscados profundamente em sua estreita face pálida, entretanto, misturados agora com cuidado e suspeita.

Com uma garra ele gesticulou para que ela o seguisse, andando e então apontando para os outros pertences dela e disse, “Pegue suas coisas”.

Seus pés chutavam a fina areia branca enquanto eles viajavam pelas vastidões arenosas embaixo do quente sol negro.

Ele encorajou-a a continuar andando com poucas palavras e gestos, esperando ela se recompor quando caía. Eles subiram e desceram dunas de areia, às vezes andando paralelamente aos seus gigantescos cumes, ao longo de seus topos ou nos vales entre elas, o velho homem-pássaro com muito menos dificuldade e muito mais resistência que ela.

O céu estava quase totalmente branco com o calor proveniente do agora tênue sol escarlate brilhando acima, as areias refletiam o calor e a luz de volta para ele, deixando nenhuma sombra ou lugar de descanso em lugar nenhum... mesmo assim eles continuavam indo em frente, por lá não havia muito que fazer a não ser cair morto.

O saco marrom do homem-pássaro foi aberto em uma fina e delicada capa, servindo em parte como um capuz para sua cabeça estreita, amarrado em sua cintura e pescoço e com farrapos presos atrás.

“O sol não era tão negro”, ele disse.

Ela encarou o bico escuro cinzento saindo do capuz, tudo que podia ver de sua cabeça que não estava coberto pelo fino tecido. Ofegando e suando, dolorosamente ela forçou tanta saliva quanto sua boca podia para sua língua seca apenas para perguntar, “O quê você quer dizer?”

“Há muito tempo. Ele era amarelo”, o capuz balançou, e ela ficou para trás, rindo cansada.

Sua voz soou no calor seco, e ela completou, “Você também poderia ter me dito que o sol era verde... ou quem sabe azul”.

O homem-pássaro virou e observou curiosamente a garota nervosa, seus grandes, olhos negros e vazios sem revelar seus pensamentos, então virou de volta e pulou para frente de novo, mudando de assunto mais uma vez, “Qual é o seu nome?”

Houve uma curta pausa de consideração, ou quem sabe para umedecer sua língua para falar de novo, “Misha”.

“Onde é seu abrigo?”

“Não é da sua conta”, ela rosou, olhando-o pular e andar através da areia, suas magras asas dobradas fora da capa, “Porquê você não voa... homem-pássaro?”

“Kritha é velho. Andar é fácil, voar não tão fácil”, ele disse, balançando sua cabeça de novo, dando seu nome mesmo ela não o tendo perguntado.

Ela calou-se e eles continuaram.

\*\*\*

“Água”, Kritha disse simplesmente.

A boca de Misha estava seca e branca, e ela podia sentir sua língua inchando do calor seco e ardente, mas enquanto ela encarava as dunas brancas sem fim a sua volta, ela não via nenhum sinal de água. Uma resposta amarga passou pela ponta de sua língua seca, mas nem ela nem seus lábios iriam cooperar; ao invés ela simplesmente resmungou, “Onde?”

“Ali”, ele disse, não indicando onde, ainda assim ele continuou a andar. Ele trinou, “Sede?”

“Sim”, ela ofegou secamente.

Ele acenou concordando, “Eu estou”.

Houve uma pausa, Kritha parou imóvel no topo de uma duna sob o céu ardente, encapuzado por seu fino manto enquanto Misha se aproximava dele, indo exausta através da areia.

Ela parou pacientemente por um momento, então o questionou, “E?”

“Você acha.”

Misha parou chocada em silêncio por um segundo antes de se enfurecer, seus olhos negros se estreitaram e queimaram, suas mãos foram de encontro ao cabo de sua adaga, agarrando-a em sua raiva crescente. Uma centena de respostas furiosas, ofensas e condenação passaram por sua mente, mas sua língua seca não podia dar vida a nenhuma delas, e foi forçada a aceitar uma que sua língua seca pelo deserto pudesse cooperar, “O quê?!”

“Água é vida, vida vem da água. Encontre vida, encontre água. Você entende?”

Kritha tinha se virado na direção dela, seus grandes olhos negros a observando silenciosamente, sua indecifrável expressão de ave.

Misha virou seu olhar negro e nervoso para o deserto ao seu redor, observando as dunas, o solo arenoso que nunca suportaria vida, olhos lacrimejando por causa do solo branco e ardente. “Eu não vejo nada”, ela disse.

Kritha permaneceu mudo, seus grandes olhos piscando uma vez debaixo do fino capuz.

Momentos passaram, o sol ardente esmagava o chão abaixo dele, queimando sua alma, silenciando o próprio ar e o transformando em uma fornalha, pesada de calor e difícil de respirar. Misha encarou o horizonte flamejante, tentando desesperadamente engolir saliva que ela não mais tinha, ela engoliu sua língua grossa e engasgou.

Encontre vida. Encontre água. Encontre vida, encontre água.

Ela caiu no chão – parte porque suas pernas cederam sob ela, parte porque ela pretendia sentar, sua mente finalmente sentiu o peso do calor, agora sem a distração que o andar provinha. Kritha continuou mudo, observando-a com firmeza a alguns passos de distância.

Ela não tinha força sobrando para odiar ou pensar sobre seu problema, sobre sua morte iminente. A areia estava quente entre seus longos dedos brancos, ásperos e macios ao mesmo tempo enquanto escorria por entre eles, e antes que ela percebesse, ela estava procurando

profundamente na terra por uma fonte de água, uma fonte de magia... se ela fosse morrer, ela iria levar seu assassino com ela. Seu ódio lhe deu forças que seu corpo não mais tinha.

Ela parou, sentindo a vida fluindo por ela, correndo em preencher o seu vazio, fazendo-a imortal –

-- “Basta”, Kritha afirmou calmamente enquanto ele a acertava levemente através do rosto com uma dura e velha mão; levemente, mas veloz o suficiente e com força suficiente em seu toque para quebrar sua concentração. Ela engasgou e tossiu com força, um grito de sede saciada, a medida que a vida se esvaía, voltando a terra em fios entrelaçados através do chão... e ela tentou senti-la de novo, tocando fios que acabaram lhe escapando...

... mas ela não tinha mais nada, nenhuma força para dar vida aos movimentos do ritual, nenhuma voz com que poderia murmurar os encantamentos.

“Basta”, Kritha disse mais firme, segurando uma das mãos dela nas suas, quebrando sua concentração novamente e finalmente. Os últimos restos da energia brilhante a deixaram e se foram, e com isso, ela sentiu, sua alma.

Ela não podia falar, mas Kritha o fez, “O caminho é viciante, como o fruto da árvore Birbirr. Uma vez provado, não é facilmente esquecido”.

Misha não podia argumentar.

De algum lugar, Kritha trouxe água fresca e pingou nos lábios secos dela. Ela os sugou vorazmente, limpando sua boca da poeira.

\*\*\*

Eles subiram outra duna e os olhos negros de Misha abriram-se.

No meio das dunas, uma piscina de água refletia o céu oliva da tarde, gramas marrons do deserto esparsadas e umas poucas e pequenas árvores a circulavam – se assim realmente pudermos chamar alguns galhos partidos e desolados saindo do chão. Entretanto, os olhos de Misha se abriram e ela correu rapidamente através da areia em direção ao oásis numa exaustiva corrida.

Ela se jogou na piscina e caiu de joelhos, vorazmente tomando-a e bebendo gole após gole até que suas língua e garganta secas fossem totalmente saciadas, depois jogou água em seu rosto para refrescar sua seca e ardida pele.

Kritha tinha deslizado pela duna e parado ao lado do oásis, tomando seus próprios goles com menos fervor e desespero que ela. Finalmente ele sentou e a observou, e finalmente perguntou, “Teria sido uma fera-oásis?”

Ela rosou sua resposta entre grandes goles de água “eu não sou tola, sua ave velha e esfarrapada. Eu sei que sinais procurar”. Ele acenou para si mesmo enquanto Misha destampava seu cantil e colocou-o na agora lamacenta piscina para enchê-lo. Quando ela tinha acabado, ele se levantou e se moveu para a maior das árvores, descansando suas costas contra ela e deitando sua cabeça sobre seus ombros, “Nós ficamos pouco por aqui”.

Misha tampou o cantil cheio e caminhou saindo da fonte para descansar próxima da borda, seu pequeno saco usado como travesseiro, muito cansada para discutir.

Kritha repetiu alguns gorjeios e trinos que ela acreditava serem roncoss, significando que ele tinha dormido. Sua mão deslizou em volta do suave e confortante cabo de sua adaga de osso e ela também se deixou tomar por um exausto e irrequieto sono sob o brilhante olho negro acima, ainda queimando o céu em uma fúria sem misericórdia.

\*\*\*

Quando ela acordou, o quente olho negro tinha começado a se fechar, a esfera negra tocou o horizonte, deixando o céu vermelho e espalhando sobre as dunas espessas sombras negras.

Ela sentou-se ereta, percebendo Kritha encarando a piscina de água, movendo-a com uma mão esquelética. A capa do homem-pássaro estava dobrada em volta de seus ombros como uma mochila mais uma vez. Após um instante de sua estranha observação, ele se virou na direção dela.

Ela agarrou novamente sua adaga, sacando-a parcialmente, “Me dê uma boa razão para não eu matá-lo?”

Kritha levantou sua cabeça, “Água?”

Misha olhou para a fonte e sentiu o cantil cheio de água fortemente preso em sua coxa. Ela suspirou e soltou sua mão da adaga, “Você tentou me matar”.

“Não”, Kritha respondeu, “Água”.

Misha observou o oásis deserto no meio das dunas mais uma vez, seus olhos vendo tudo outra vez. “Você é um pássaro velho e estranho”, ela disse.

Kritha estalou seu bico numa resposta que Misha não poderia entender, e a garota pálida balançou sua cabeça numa confusão exaustiva.

Eles permaneceram parados por um tempo encarando-se até que Misha finalmente quebrou o silêncio de novo, “E? Agora o quê?”

“Água”, Kritha repetiu, gesticulando acima dela com uma mão magra, “Rápido”.

“Água, água, água. Meu cantil está cheio, o que é tão importante sobre a água”, Misha resmungou enquanto ela levantava-se e andava pesadamente até o velho homem-pássaro, sua voz se arrastando e os olhos negros crescendo tanto quanto as luas acima.

Num suspiro, ela finalmente fez a questão sair de sua garganta, “Por Ral e Guthay, o quê é aquilo?”

Ela caiu de joelhos ao lado da piscina, encarando a água para um jardim que parecia florescer verde e rico vindo da clara e rasa fonte. Ela aproximou uma mão para tocar uma flor e a imagem desapareceu, despedaçada pelas ondulações da água.

“O quê?!” ela procurou sua adaga com um grito e girou-se em um joelho, acreditando veemente que o homem-pássaro estava tentando atacá-la. Ele estava parado calmamente, grandes olhos negros piscando às vezes, e encarou-a no que ela acreditava ser uma serena curiosidade.

“O quê agora?” Kritha ecoou e o rosto de Misha escureceu, a resposta amarga subindo para seus lábios foi cortada por Kritha, que continuou a falar como se ele nunca tivesse a intenção de parar, “O quê agora. O quê você gostaria? Você pediu por água, você teve água. O quê agora?”

Misha apertou seus lábios levemente, encarando o velho homem-pássaro com suas asas esfarrapadas e mochila e jóias decorando seu corpo cinzento, “Aquele jardim. O quê era aquilo? Onde ele está?”

Kritha trinou e sentou na beira do oásis.

Misha hesitou e então foi juntar-se a ele, sentou-se próxima, estudando o homem-pássaro cinzento, vendo de verdade sua idade pela primeira vez.

“Você não está com medo que eu te mate?”

“Não”.

Misha considerou, “Por quê?”

“Kritha é velho. Kritha preparando-se para morrer. Você interrompeu. Eu morro de qualquer jeito”.

Misha inclinou-se um pouco para trás, atordoada por sua sinceridade, pela falta de medo ou negação, “Você está muito calmo em relação a isso”.

“O sol nasce, o sol se põe”.

Misha piscou e procurou em confusão, olhando em volta, observando o céu escurecendo, poucas estrelas como pequenos grãos de areia branca em obsidiana impura.

Finalmente ela mexeu sua cabeça e virou-a para o homem-pássaro moribundo, “Então porquê me ajudou?”

Kritha fez silêncio por um minuto e Misha pronta para perguntar de novo, olhos negros se estreitando, quando o velho homem-pássaro quebrou seu próprio silêncio, “Jardim não longe. Cruzando as terras ermas. Não jardim, não realmente. Você verá”.

Ele olhou para ela, seus grandes olhos negros refletindo as estrelas, “Cercado de tentação, deve encontrar algo que signifique mais que tentação. Tem algo mais importante?”

Misha manteve-se encarando a velha forma cinzenta, até que ele se virou, grasnou e seguiu através das areias... momentos depois ela correu para alcançá-lo, nunca respondendo sua questão.

\*\*\*

A maior das duas luas se levantava cheia e brilhante em um céu noturno de obsidiana, dando à pele clara de Misha um tom verde-prateado, que em outra era poderia ter sido comparado com a espuma do mar.

À frente – através do frio e negro deserto – surgiu um penhasco de rocha negra, contornado na mesma luz lunar, rapidamente crescendo com o passar da noite.

Apesar de o calor do dia ter passado, o frio da noite penetrava nos ossos de Misha, fazendo-a tremer. Kritha permaneceu aparentemente inalterado pelos elementos como sempre, o delicado e fino cachecol jogado em seus pequenos ombros não poderia ser suficiente para protegê-lo do ar gélido do deserto.

Seus lábios estavam rachados de secos e mesmo a água com gosto de couro de seu cantil não fazia mais do que saciar sua sede – embora isso fosse suficiente, ela acreditou, pelo menos ela não estava morrendo.

“Logo ali”, Kritha disse. E isso foi tudo.

Finalmente o penhasco surgiu gigantesco acima deles, a superfície irregular formada pelo calor e frio sem fim de dias e noites foi deixada suave pelo polimento sem fim da areia e do vento. Misha podia imaginar os elementos modelando-o, quase os vendo, a forte e imóvel rocha do penhasco resistindo, mas lentamente erodindo, até que um dia iria ser confundida com o próprio deserto.

À frente havia uma rachadura no alto do penhasco, que levava para uma estreita passagem desolada para um vale de flores selvagens e grandes árvores, onde um jardim crescia e um estranho som ecoava.

“O jardim”, Kritha disse. E de novo, isso foi tudo.

Os dois viajantes do deserto entraram no vale através do estreito desfiladeiro, e Misha descobriu que o jardim do vale era menor do que ela tinha acreditado à primeira vista...

Pequenos riachos de pura água desciam as paredes de rocha e atravessavam o solo arenoso, reunindo-se no centro para formar uma fonte cristalina. Pequenos e barulhentos insetos cortavam o ar, e Misha percebeu lagartos tomando sol nas pedras antes deles notarem os dois visitantes e correram para se esconderem em fendas escuras.

“O quê... porque estamos aqui?” Os olhos negros de Misha estreitaram-se confusos e depois apreensivos, “Por quê você me mostrou isso?”

“Você pediu”.

Kritha moveu-se sobre uma rocha próxima da límpida piscina, seu corpo frágil e envelhecido brilhando levemente sob o luar que se despejava sobre as pontas dos penhascos em volta.

“Então... você me dará tudo que eu pedir? E se eu pedir a riqueza de um príncipe mercante?”

Kritha estalou seu bico, e Misha imaginou-o em deleite, “Kritha não pode dar o que ele não tem”.

Misha permaneceu atrás dele, perto da entrada junto as verdejantes e suaves plantas que floresciam do solo do vale, seus olhos em crescente suspeita, fitaram, “Você sabe que eu sou uma profanadora, então porquê me trouxe aqui, para esse lugar? Você não teme que eu estirpe a terra de sua vida?”

“Você amaldiçoa e queima seu passado. Seu desejo não é de profanar”.

Misha lutou contra uma sarcástica e amarga resposta, para colocar em dúvida o que o homem-pássaro havia dito e fazê-lo temer a tola escolha que ele fez em confiar nela. Entretanto ela suspirou e falou calmamente, com os olhos brilhando, “Você está certo. Eu quero abandonar o caminho, mas...”

Kritha esperou silenciosamente, a cabeça movendo-se para um lado, grandes olhos negros observando-a como fontes de noite líquida... ela se sentiu perdida neles enquanto encontrava coragem para falar de novo.

“Você sabe o que falam sobre magos, não sabe? Que os elementos os rejeitam, que quando eles morrem, seus corpos não serão tomados pela areia, lama ou sol, que seus espíritos irão gemer para respirarem para sempre, que até mesmo o fogo irá rejeitá-los e a terra os regurgitará...”.

“Eu estava implorando para eles, lá onde nos encontramos, você e eu. Pedindo a eles para me aceitarem, para esquecerem que eu fui uma maga, que eu os tinha profanado e os destruído e os ferido... eu não quero vagar por essas terras para sempre, eu já vi os mortos, aqueles que andam...”

O velho homem-pássaro permaneceu mudo, e então Misha continuou, mais baixo, “... mas eu não creio que eles ouviram, ou acreditaram... então, no deserto, com a água, se você não tivesse... eu teria de novo...”

A voz de Misha estava muito baixa, sua garganta fechava em rara emoção, “Eu não posso controlar. Eu continuo usando para sobreviver... apenas para sobreviver... mesmo eu tendo tentado desistir”.

Ela segurou sua cabeça com mãos pálidas, olhos negros fecharam por um momento antes de se abrirem e olharem para Kritha empoleirado em sua pedra, “Por quê você me trouxe aqui? Eu sou uma profanadora, Eu posso dizer palavras que transformarão esse lugar em um buraco estéril, e deixar seus olhos para alvejarem ao sol!”

Kritha piscou seus grandes olhos negros uma vez para o aviso de Misha, e disse apenas uma coisa, “Você irá?”

Isso era tudo que ele tinha para dizer a ela, antes de retornar a encarar a piscina de água cristalina no centro do vale. Ela estava tão atordoada para responder, atordoada demais para fazer qualquer coisa, até mesmo gritar com o homem-pássaro. Ele era louco, isso estava muito mais claro agora – muito sol, muito tempo no deserto, a idade e a senilidade mais provavelmente.

No deserto, ela teria profanado até o último espírito da terra para achar água, se o velho homem-pássaro não tivesse intervindo e parado ela...

Ela arrastou sua mão através do solo arenoso, sentiu as suaves folhas das pequenas gramas acariciando suas mãos enquanto passava por elas. Kritha falou repentinamente, sua voz

velha e trinada quebrando o profundo silêncio que havia se formado, “Uma vez, quando eu era jovem, eu encontrei um jardim. Não era grande. Pequeno. Como esse”.

O homem-pássaro gesticulou para o vale à sua volta, e a mão de Misha parou seu silêncio, inconscientes traçados enquanto ela entrava no vale fértil mais uma vez.

“Maravilhoso jardim com muitos segredos. Então ele veio, farejando vida”, Kritha permaneceu parado sobre a rocha, só seu bico se movendo, o resto dele parado com pedra... até seus olhos, que encaravam de volta ao passado do qual Misha não sabia nada.

“Quase mata Kritha. Então Kritha, em sua juventude, ataca ele. Não poderoso suficiente para combatê-lo -- então eu consegui mais poder... muito fácil voar quando você tem asas. Tão difícil quanto andar. Agora eu ando, mesmo com asas”.

O idoso homem-pássaro virou-se devagar, virando-se para a ruína desolada que levava até o vale, “Vê lá. Nada cresce. Imagina quanto tempo demora para a terra se curar? Quanto tempo antes de novos espíritos virem? Um ano? Uma década? Uma vida? Imagina porquê mundo é ruína e vazio?”

Misha olhou para o estreito cânion que levava para o deserto, para nada além de areia e desolada rocha gasta pelo vento. Nada cresceu lá, nada viveu lá... e ela agora notava como mesmo as pequenas criaturas não passavam perto de lá enquanto elas corriam pela luz do alvorecer.

“Uma vez, quando eu era jovem”, Kritha repetiu, então voltou a encarar a fonte cristalina enquanto Misha imaginava a idade do homem-pássaro e as terras que ele tinha profanado para destruir um invasor, “Uma vez, quando voar era fácil e andar era inútil”.

“Você é... um mago?”

Kritha concordou depois de um tempo, “Mago. Sim. Preservador da vida. Sim. Toma pouco, não tão poderoso. Uma vez, entretanto...”

Misha sentou-se silenciosamente, uma expressão de choque em seu rosto, havia muito a se pensar sobre o que responder.

“Mas você fez o que tinha que fazer! Certo? O profanador teria destruído este lugar se você não tivesse... não tivesse usado o poder”.

Kritha sentou em silêncio.

“O quê você quer de mim?”

“Sangue.”

Misha rapidamente sacou sua adaga, “Eu sabia!” Ela resmungou amargamente, “Fique longe ou eu destruirei todo esse vale com o meu poder”.

Kritha piscou vagorosamente duas vezes enquanto a garota de pele pálida continuou a encará-lo com a adaga em punho e o equivalente em seus olhos.

“Quando representando a vida, ataque, minha vida vai se juntar a terra ao invés, para fora, não dentro”.

A mão de Misha segurando a adaga tremeu, e ela a abaixou devagar, a voz seguindo o exemplo da mão, “Eu... eu não posso”.

“Tão veloz para me matar agora pouco”.

“Aquilo foi diferente”, ela resmungou, “Eu estava me protegendo. Preservando... minha... vida...” A voz da garota pálida de cabelo negro continuou enquanto ela encarava ao seu redor o lívido vale, uma realização emergindo com ela, tão brilhante quanto seu rosto quanto o olhar da areia sobre o sol ao meio-dia.

Kritha estalou seu bico uma vez, então desceu da pedra, “Faz isso?”

Seus pequenos e frágeis dedos fecharam em volta dos dela que ainda segurava a adaga, apertando-os no punho gasto de osso.

Ela lambeu seus lábios secos, incerta, atordoada, a confusão voando através de seus olhos negros como uma tempestade de areia nos ventos do deserto, então ela o sentiu, virando-se veloz, encarando a estreita passagem por onde eles vieram.

“É um deles... Um dos caçadores. Um profanador”, ela ofegou, sentindo os vorazes dedos da magia negra envolvendo-a.

Kritha soltou sua mão, grandes olhos negros estreitando-se, “Ele. Nós devemos proteger o jardim. Sempre protegendo o jardim”.

Misha acenou rapidamente em resposta, mas permaneceu paralisada, incerta do que fazer, como reagir.

O velho homem-pássaro não sentia tal incerteza, ele tinha defendido esse jardim de vida muitas vezes no passado, e então se moveu para frente com certeza e propósito, pulando diretamente no desfiladeiro, movendo-se livremente pela teia de vida brilhante em volta dele com os membros efêmeros de um mago, seu trabalho não sendo visto por ninguém.

\*\*\*

Nas areias além do jardim, o profanador acertou uma parede, uma parede de mágica e força que o repelia por causa do que ele era. Ele riu em irritação e fúria, buscando drenar a vida da terra quase morta a sua volta, transformando a areia em cinzas sob seus pés.

Misha podia até senti-lo sugando a vida do jardim, devorando um pouco dele enquanto dava forma a sua mágica, estilhaçando a barreira a sua frente com eficiência draconiana, sua energia explodindo do chão ao invés de simplesmente fluir. Ela sabia que ele era muito poderoso para enfrentar sozinha, e ela já havia destruído seus mais poderosos itens mágicos no deserto, sob a árvore onde Kritha a tinha encontrado...

Ela temia que a mágica de Kritha também não seria forte o suficiente, não ao menos que ele drenasse a vida do jardim... assim como ele havia feito com a passagem a sua frente. Seu grito escapou de seus lábios antes que ela percebesse, antes que ela notasse estava correndo

através da passagem, passando Kritha, sua adaga segura em uma mão branca enquanto ela partia de encontro ao mago.

O estouro de mágica surgiu das areias como uma fera esperando por sua presa, atacando-a, quase a partindo, mas transformando-se em nada mais do que uma nuvem de pó no ar a sua volta. Ela sentiu a trama da mágica envolvendo-a, protegendo-a, e sabendo que Kritha a tinha salvado com sua própria feitiçaria.

Ela não parou para pensar nisso, ela simplesmente continuou a correr, acertada por outro poderoso e rodopiante ataque de terrível mágica que sugou a vida da terra, e deixou pedregulhos e pesada poeira cinza no ar. Não havia muito mais para o profanador sugar, apenas o jardim atrás dela... e ele podia alcançá-lo, ela tinha certeza.

Mas o profanador havia notado sua imunidade à magia dele, percebeu sua fonte, e mudou sua tática mesmo com ela avançando em sua direção, adaga pronta para atacar, para apunhalar e cortar, para arrancar o coração do profanador de seu peito com um acerto mortal...

...A magia passou através dela, por ela, estilhaçando a frágil vida do jardim, despedaçando flores e transformando água em pó, solo em cinzas...

...Sua adaga acertou, afundando profundamente no manto do profanador, pegando-o desprevenido no meio de um acelerado feitiço de defesa, um que nunca seria completado. Ele desceu até o chão e caiu, morto.

A adaga de Misha estava tingida de escarlate, e sua mão estava vermelha do sangue do profanador.

Ela se virou, olhos abertos em horror enquanto via a devastação do deserto, mais importante, o jardim além da passagem... ela saiu do ataque com memórias vindo à tona, sua própria fome selvagem e seu cruel e profano trabalho em antigos rituais, e a ensangüentada adaga de osso deslizou de seus dedos vermelhos para a terra devastada, como se Misha achasse a arma corrompida pelo sangue do profanador... e seu olhar parou em algo: um imóvel monte na passagem, cinza e esmaecido, um leve brisa removendo as poucas e velhas penas que restavam, cinzas e delicadas, como cinzas modelando-se para uma forma que elas lembravam vagamente.

Misha correu até ele, agarrando suas penas e sua pele cinza e seca em suas mãos, os ossos frágeis e o delicado cachecol, grandes olhos negros fechados para o mundo e o odioso sol, tudo no vazio de Kritha.

Seus gritos de negação tornaram-se trovões no ar.

\*\*\*

Ela enterrou o velho saco de carne seca e ossos onde eles se encontraram, sob a grande árvore crescendo no deserto. Era uma cova rasa, mas era só um corpo, não havia nada de Kritha nele... um saco vazio de carne seca e ossos frágeis. Uma solitária pena branca agora enfeitava o cabelo negro da mulher, removido do corpo, um símbolo e uma lembrança guardada do passado para a jornada que estava à sua frente. A velha adaga de osso descansava mais uma vez na sua bacia em sua coxa.

“Você estava certo, pássaro velho, eu estava fazendo tudo errado... eu era motivada pelo meu interesse egoísta por mim mesma, exatamente o que me levou a isso, exatamente o que

profanar faz...” ela permaneceu silenciosa por um logo tempo, o dedão esfregando-se na bainha velha da adaga, “Para lutar pela vida como eu luto por mim mesma, esse é o caminho, não é? O caminho da preservação...”

Lentamente, suas mãos desceram para tocar a areia, "Mas eu ainda não entendo... como eu posso proteger a vida se eu tenho que deixá-la morrer para protegê-la... como... como eu posso defender a vida quando seus inimigos são mais poderosos do que eu? Usá-la é egoísmo, mas, se eu não... então ela morre... mas... ela morre de qualquer jeito..." Misha tremeu, passando a areia do deserto por seus dedos, uma leve brisa tornando o pó em pequenas plumas, "Eu não sei o que fazer..."

A brisa moveu a areia do deserto a sua volta e ela afundou, “Mas você não pode me ouvir mais, então porquê eu acho que você vai me responder?”

\*\*\*

Mesmo ela não vendo, a chuva que caiu no deserto naquela noite caiu sobre os penhascos e o vale arruinado, lavando as cinzas da areia dourada e do solo negro, fazendo um jardim crescer, verde e abundante e cheio de vida... a terra ferida alimentou-se do sangue escarlate do profanador e do último suspiro de um antigo preservador.

Pelo menos, foi isso que ela sonhou, mas – porém ela não voltou ao jardim perdido – ela não tinha o coração para perder a fé nessa possibilidade.

\*\*\*

Copyright (c) 2002, 2003 Jeffrey L. Kromer

Extraído de: Daegmorgan.Net – Raven’s Journal.

<http://www.daegmorgan.net/journal.php?file=krthmsha&code=fiction>

E-mail do Autor: < [sleipnir@daegmorgan.net](mailto:sleipnir@daegmorgan.net) >

Traduzido por: Gabriel Madeira Pessoa < [galrasia@yahoo.com.br](mailto:galrasia@yahoo.com.br) >

Revisão: Fabricius – EarthLord < [fabricio@darksun.com.br](mailto:fabricio@darksun.com.br) >